

## A CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO EM UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE CURITIBA

Greicy Pinto BELLIN – SME, Curitiba

**RESUMO:** O objetivo deste relato é apresentar, como resultado de uma observação levada a cabo na escola municipal Professor Herley Mehl, no bairro Pilarzinho, como as relações de gênero são construídas no ambiente escolar, levando em conta que a escola pode reforçar ou questionar estereótipos de gênero, promovendo uma reflexão sobre eles. No ambiente em questão, foi possível observar que tais estereótipos eram mais reforçados do que questionados, o que aponta para uma necessidade de se rever a postura de professores e professoras no sentido não só de reconhecer, mas de compreender e respeitar as diferenças existentes entre os gêneros.

**PALAVRAS-CHAVE:** gênero; educação; ambiente escolar.

**ABSTRACT:** this articles' aim is to present, as a result of observations that took place in the public school Professor Herley Mehl, situated in Pilarzinho, how gender relationships are constructed in an educational environment, taking into consideration that schools can reinforce or question gender stereotypes, creating an opportunity of reflection about them. In the environment that was observed, it was possible to notice that these stereotypes were more reinforced than questioned, which points out to the necessity of revising the attitudes of male and female teachers in order not only to recognize, but to understand and respect gender differences.

**KEYWORDS:** gender; education; educational environment.

### GÊNERO E EDUCAÇÃO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Desde a década de 1990, a categoria gênero se faz cada vez mais presente no debate acadêmico, principalmente na área de Humanas e, mais especificamente, na área de Educação. As discussões teóricas sobre o tema têm sido marcadas pelo contraste entre duas posições: uma essencialista, que parte do pressuposto de que as diferenças sexuais são biologicamente construídas, e outra de tendência sociológica, que entende que tais diferenças são construídas no interior de uma sociedade. No presente relato, optei pela segunda posição, a qual me forneceu subsídios mais produtivos e relevantes para analisar a construção das relações de gênero em uma escola da rede pública municipal de Curitiba.

Ao se adotar uma posição de base sociológica, o gênero será forçosamente definido como “toda e qualquer construção social, simbólica, culturalmente relativa, da masculinidade e da feminilidade. Ele se define em oposição ao *sexo*, que se refere à identidade biológica dos indivíduos” (SCOTT, 1990, p. 5). Para Teresa de Lauretis

As concepções culturais de masculino e feminino como duas categorias complementares formam, dentro de cada cultura, um sistema de gênero, um sistema simbólico ou um sistema de significações que relaciona o sexo a conteúdos culturais de acordo com valores e hierarquias sociais. (LAURETIS, 1994, p. 211)

Desta forma os sujeitos não se constituem apenas pela diferença sexual, mas por variadas representações culturais que dizem algo sobre como a sociedade os percebe. Tais representações constituem os sistemas de gênero aos quais a autora se refere, de forma que ser representado (ou se representar) como “homem” ou “mulher” já subentende a “totalidade dos atributos sociais associados a homens e mulheres” (LAURETIS, 1994, p. 212).

Lauretis, portanto, concebe o gênero como uma representação, e as representações de gênero como construções que se dão nas mais diversas instâncias sociais por meio da literatura, do cinema e das artes em geral. (LAURETIS, 1994, p. 209-211). Além destas instâncias outras podem ser apontadas: a mídia, a religião, os currículos escolares, as relações familiares, a língua do cotidiano, diferentes ideologias, enfim, todo um aparato cultural e semiótico que ajuda a forjar identidades sexuais, sociais e raciais. Diante de tal possibilidade, procuro analisar como se constroem as relações de gênero no ambiente escolar, no qual as práticas pedagógicas estão impregnadas de uma dada ideologia e, muitas vezes, reproduzem as hierarquias sociais e da família (SOUZA & LEÃO, 2008, p. 4). Assim o estudo das relações de gênero na escola me parece relevante, uma vez que é também na escola que meninos e meninas constroem uma identidade do que é ser homem e ser mulher.

Quanto ao papel que devem desempenhar, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental (BRASIL, 1998, p. 2), orientam que “ao definir suas propostas pedagógicas, as escolas deverão explicitar o reconhecimento da identidade pessoal de alunos, professores e outros profissionais, e a identidade de cada unidade escolar e de seus respectivos sistemas de ensino”. Há uma enorme preocupação com a reorganização curricular e formação de professores e alunos voltada para o entendimento e respeito às diferenças de raça, gênero e classe, o que aponta para a

implementação de uma escola democrática, que contempla e valoriza estas diferenças rumo à construção de uma educação multicultural (SOUZA & LEÃO, 2008, p. 8). Neste sentido, a escola de fato exerce um papel fundamental, pois pode orientar seu trabalho para o questionamento de estereótipos culturais, promovendo um espaço de discussão sobre eles, no qual haja a participação de professores e alunos. Conforme veremos no relato que faço adiante, no que diz respeito às questões de gênero, isso ainda está um pouco longe de acontecer, uma vez que a escola parece mais reforçar do que questionar os estereótipos, revelando uma cultura que visa a enquadrar os alunos nos padrões vigentes da sociedade.

### **AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO AMBIENTE ESCOLAR**

Este relato baseia-se na observação de um ambiente determinado, a escola municipal Professor Herley Mehl, situada no bairro Pilarzinho, em Curitiba. Ao promover apoio pedagógico e ministrar aulas de língua inglesa de quinta a oitava séries, tive um contato diário com os alunos tanto dentro da sala quanto no setor pedagógico, e pude observar de que maneira as relações de gênero são construídas, além dos estereótipos de gênero que a escola parece reforçar e o impacto disto no cotidiano escolar. Tais observações foram registradas na forma de um diário, que permitiu a sistematização das informações e o desenvolvimento da análise que originou o relato. Minha observação se dirigiu a alunos do sexo masculino e feminino, bem como professores, professoras e pedagogas, em conversas informais que eram, posteriormente, registradas por escrito.

O primeiro aspecto que chamou a minha atenção foi o grande número de mulheres que compõem o quadro docente da escola. Dentre todos os professores que lá lecionam, apenas dois são homens, além do diretor, o que aponta para a existência do que os teóricos da educação chamam de “gueto cor de rosa” (SOUZA & LEÃO, 2008: p. 12). De fato, o magistério foi comumente tido como uma profissão feminina, uma vez que o papel da professora pode ser associado ao da mãe, que educa, ensina e protege, o que parece impactar a construção das relações de gênero neste contexto.

De fato, atrelado à questão numérica apontada, pude observar que o gênero do professor parece ter um efeito direto não sobre a aprendizagem dos alunos, mas sobre a maneira como as

relações de gênero são construídas em sala de aula e fora dela. Na verdade, a predominância de professoras parece favorecer o ajustamento das meninas, que, por uma solidariedade de gênero, buscam a proteção das professoras e pedagogas quando são agredidas e/ou ofendidas verbalmente pelos meninos. Tais atitudes são recorrentes em meus registros, sendo curioso o fato de que quem normalmente inicia a agressão são as meninas, que depois assumem uma postura de vítima perante o agressor. Diante de tal situação cabe ao professor ou à professora encontrar a melhor maneira de agir, procurando ouvir os dois lados da situação e sem assumir uma postura sexista, a qual faria com que tanto o menino ou a menina se sentissem injustiçados. Todavia, o que muitas vezes acaba acontecendo é que a professora toma as dores das meninas, gerando uma intensa revolta nos meninos, revolta essa que pode se manifestar através de indisciplina crônica e de um constante desafio à autoridade da docente. No caso dos professores homens, parece haver uma empatia maior com relação aos meninos, conforme relatado pelos dois únicos professores do sexo masculino que trabalhavam na escola. Além disso, alunos e alunas parecem perceber a autoridade como um atributo predominantemente masculinos, o que levava as professoras a acreditar que eram menos respeitadas pelos alunos em geral.

A partir de tais observações, me foi possível delinear dois padrões de comportamento, um feminino e outro masculino, que correspondem a certos estereótipos de gênero existentes na sociedade: a vitimização feminina e a agressividade masculina. Em conversa com a pedagoga da escola, pude constatar que a maioria dos casos de agressão entre estudantes em sala de aula é de levado a cabo pelos meninos, que são também os campeões em indisciplina e agitação. No entanto, os meninos naturalizam seus comportamentos sempre com a desculpa de que foram provocados pelos outros colegas, principalmente pelas meninas, que são também agressivas, só que de forma diferente. Ao passo que a agressividade masculina se exterioriza através de atitudes violentas como bater e empurrar, a agressividade feminina é de fundo psicológico, marcada por xingamentos, humilhações e demais ofensas que expõem a vítima a situações vexatórias.

Outro aspecto observado, e que está também fortemente associado a estereótipos de gênero em nossa sociedade, é o valor dado pelos meninos à aparência tanto das meninas quanto das professoras, um dado recorrente em meus registros diários. Ao questionar um aluno da oitava série a respeito de sua implicância com uma das alunas, ele me respondeu o seguinte: “ela é muito feia, e chata”. Culturalmente falando, para o sexo masculino, em geral, a beleza é

fundamental, ao passo que as meninas valorizam mais atitudes de companheirismo e amizade. Assim, no que diz respeito às professoras, os meninos são taxativos em classificá-las como feias e/ou bonitas, e isso parece influenciar o interesse deles pela matéria. As meninas, por outro lado, podem até julgar a aparência da professora, mas baseiam muito mais seus julgamentos em questões de atributos da personalidade: “não gosto dela porque é muito brava”, “ela está sempre de mau humor”, “ela não tem paciência”, “ela grita demais”, “ela entende a gente”. Baseando-me nestas informações, obtidas por meio de perguntas dirigidas às alunas e alunos, foi possível confirmar um dado já pressuposto e estereotipado no que diz respeito às construções de gênero: o que comumente mais chama a atenção dos meninos é a aparência, enquanto que as meninas tendem a valorizar mais o relacionamento interpessoal da professora com a turma.

Conforme já dito, a escola pode ou reforçar ou questionar estereótipos de gênero, criando possibilidades de reflexão a respeito deles. Contudo, no ambiente escolar observado, os dados parecem apontar que os estereótipos são mais reforçados do que questionados. Ao perguntar para as outras professoras (que também foram objeto de minhas observações) sobre a agressividade e a indisciplina dos meninos, elas responderam o seguinte: “eles são assim mesmo”, “é natural da idade”, “coisa de piá”, “faz parte do desenvolvimento deles”. Há, de fato, uma tendência a se naturalizar o comportamento agressivo masculino, visto como parte da personalidade dos meninos, como algo essencial para seu desenvolvimento como homens. O mesmo não se observa com relação à agressividade feminina, vista como antinatural e até mesmo como desvio: “aquela menina tem algum problema”, “é agressiva demais”, “a agressividade dela é fora do normal”. O discurso das professoras aponta para uma valorização do bom comportamento das meninas, e para uma compreensão ou aceitação maior em relação ao mau comportamento dos meninos. Ao mesmo tempo, as professoras reforçam, ainda que sem querer, o estereótipo de vitimização feminina, saindo em defesa das meninas quando estas são agredidas. Em minha opinião, este pode ser um dos motivos pelos quais muitos meninos se rebelam contra as professoras, por acreditarem que elas protegem mais às meninas do que a eles. Talvez essa seja uma das causas da crônica indisciplina dos meninos, o que não significa que as meninas não sejam de todo indisciplinadas, apenas o são em menor grau, uma vez que seus comportamentos agressivos são mais censurados e até mesmo, reprimidos. Neste sentido, coloco uma sugestão para melhorar tal impasse: questionar os estereótipos de gênero no ambiente escolar ao invés de reforçá-los, o que

provavelmente geraria mais igualdade e harmonia nas relações interpessoais. Isso poderia ser feito através de orientações e conversas com os alunos e alunas, nas quais procuraria-se ouvir suas queixas e opiniões, levando-os a reconhecer, compreender e respeitar as diferenças existentes entre os gêneros.

## CONCLUSÃO

Os estereótipos de gênero são inculcados através da educação, e a escola desempenha um papel fundamental neste processo, contribuindo para a construção, pelos meninos e pelas meninas, de representações do que significa ser homem e ser mulher. Neste sentido, professores e professoras desempenham papel central, pois servem como mediadores entre os alunos e a escola, devendo estar, eles próprios, conscientes destes estereótipos a fim de questioná-los e de promover uma maior harmonia entre os sexos, diminuindo, com isso, a indisciplina e as ocorrências de agressão. Desta forma, as relações de gênero no ambiente escolar podem ser melhoradas através da ação consciente dos professores, que devem ser capazes não só de reconhecer, mas de respeitar as diferenças entre os gêneros.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. Brasília: s.n, 1998. Disponível em: <http://www.zinder.com.br/legislacao/dcn.htm> Acesso em: 03 jul. 2010.
- LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (org.) *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-237.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre: v.16, n.2, p. 5-22, 1990.
- SOUZA, Fabiana Cristina de; LEÃO, Andreza Marques de Castro. Entre o discurso pedagógico e ideológico na escola: estereótipos de classe, raça e gênero In: FAZENDO GÊNERO 8 – CORPO, VIOLÊNCIA E PODER. 2008. *Anais...* Florianópolis: UFSC, p. 01-07.